

AMBIENTES ESCOLARES REGENERATIVOS E SAUDÁVEIS: LIDERANÇA, BEM-ESTAR E APRENDIZAGEM COLETIVA

Simone Martins Trevisan

University of North Texas (UNT), Denton, Texas, US.

E-mail: sicatrevisan81@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/CONEC-2025.02-43>

ÁREA TEMÁTICA: Saúde na Escola

RESUMO: Este artigo discute como a liderança educacional pode integrar práticas de promoção da saúde mental, social e emocional ao cotidiano escolar, criando ambientes regenerativos e colaborativos. Com base em uma revisão da literatura internacional, o estudo analisa como a arquitetura, a cultura institucional e as competências socioemocionais dos líderes escolares influenciam o bem-estar coletivo. As evidências indicam que escolas que adotam princípios de design biocêntrico, aprendizagem experiencial e liderança empática fortalecem a autonomia, a inclusão e a saúde emocional de estudantes e professores. O texto propõe um modelo de liderança regenerativa que integra bem-estar, equidade e sustentabilidade como pilares da educação contemporânea, destacando o papel das escolas como ecossistemas de cura e pertencimento. Conclui-se que a promoção da saúde na escola depende de uma visão integrada entre o espaço físico, a cultura organizacional e as práticas humanizadoras de liderança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em saúde. Liderança escolar. Bem-estar coletivo.

HEALING AND REGENERATIVE SCHOOL ENVIRONMENTS: LEADERSHIP, WELL-BEING, AND COLLECTIVE LEARNING

ABSTRACT: This article discusses how educational leadership can integrate practices that promote mental, social, and emotional health into everyday school life, creating regenerative and collaborative environments. Based on an international literature review, the study analyzes how architecture, institutional culture, and school leaders' socio-emotional competencies influence collective well-being. Evidence indicates that schools adopting biocentric design principles, experiential learning, and empathetic leadership strengthen autonomy, inclusion, and emotional health among students and teachers. The paper proposes a regenerative leadership model that integrates well-being, equity, and sustainability as pillars of contemporary education, highlighting the role of schools as ecosystems of healing and belonging. It concludes that school health promotion depends on an integrated vision connecting physical space, organizational culture, and human-centered leadership.

KEYWORDS: Health education. School leadership. Collective well-being.

INTRODUÇÃO

As escolas contemporâneas vivem o desafio de equilibrar desempenho acadêmico e bem-estar coletivo em um contexto social cada vez mais complexo, marcado pela sobrecarga emocional, pela fragmentação das relações e pela presença constante da tecnologia. O foco exagerado em resultados quantitativos — expressos em provas padronizadas, índices de desempenho e metas curriculares — muitas vezes deixa em segundo plano dimensões profundamente humanas da educação, como a saúde mental, o senso de pertencimento e o equilíbrio emocional. Esse descompasso tem contribuído para o aumento de sintomas de ansiedade, do burnout docente e da desmotivação estudantil, transformando o espaço escolar, em muitos casos, em um ambiente de pressão, e não de desenvolvimento integral.

Diante desse cenário, a ideia de um ambiente escolar regenerativo surge como uma resposta necessária e atual. Mais do que um conceito estético ou arquitetônico, trata-se de uma maneira de compreender a escola como um ecossistema vivo, no qual espaço, relações humanas, cultura institucional e propósito educativo se articulam de forma orgânica para sustentar o florescimento coletivo. Um ambiente regenerativo não apenas previne o adoecimento, mas também cura, inspira e fortalece as pessoas que nele convivem, promovendo equilíbrio entre corpo, mente e comunidade.

A literatura recente reforça que ambientes educativos saudáveis não dependem apenas da infraestrutura física, mas, sobretudo, de uma liderança humanizadora, capaz de integrar bem-estar, empatia e propósito coletivo às práticas pedagógicas (Latané, 2021; Brady, 2022; Leksy et al., 2024). A qualidade das relações interpessoais e a cultura institucional exercem influência direta sobre o clima emocional da escola, afetando o comportamento, o engajamento e o desenvolvimento socioemocional de alunos e professores.

Essa perspectiva amplia o entendimento tradicional de educação em saúde, que deixa de se limitar à prevenção de doenças ou à adoção de hábitos saudáveis para incluir também uma dimensão socioambiental e emocional da saúde — aquela que envolve pertencimento, segurança afetiva, autonomia e propósito. A escola passa, assim, a ser vista não apenas como um espaço de ensino, mas também como um lugar de regeneração

humana, onde aprender e conviver se tornam experiências indissociáveis. Com base nessa compreensão, este trabalho tem como objetivo discutir, a partir de uma revisão de literatura internacional, como a liderança escolar e o ambiente físico podem favorecer práticas regenerativas voltadas ao bem-estar coletivo, integrando princípios de design biocêntrico, liderança empática e cultura organizacional saudável. Busca-se evidenciar que promover saúde na escola é promover humanidade, e que o futuro da educação depende da criação de ambientes capazes de nutrir as pessoas em todas as suas dimensões — cognitivas, emocionais, sociais e espirituais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A promoção da saúde na escola é um conceito amplo e multidimensional que vai muito além da ideia tradicional de ausência de doenças. Ela envolve a integração equilibrada das dimensões físicas, emocionais, relacionais e organizacionais, articuladas de forma sistêmica para garantir o bem-estar de todos os membros da comunidade escolar (WHO; UNESCO, 2021). Esse entendimento reconhece que o espaço educativo não é neutro: ele atua como agente ativo na formação de comportamentos, emoções e vínculos sociais, podendo tanto favorecer quanto comprometer a saúde de estudantes e educadores.

Sob essa perspectiva ampliada, a liderança escolar assume um papel essencial como mediadora das condições que sustentam o bem-estar coletivo. Líderes educativos influenciam diretamente o clima organizacional, os níveis de confiança e o senso de pertencimento nas comunidades escolares (Leksy et al., 2024). A liderança que promove saúde vai além da gestão de resultados: ela cultiva relacionamentos positivos, escuta empática e uma cultura de colaboração — elementos fundamentais para reduzir o estresse, prevenir o esgotamento e fortalecer o engajamento docente.

Latané (2021) aprofunda essa discussão ao propor o conceito de *schools that heal* (escolas que curam), destacando o papel do ambiente físico e sensorial na regulação emocional. Para a autora, ambientes escolares regenerativos são aqueles que incorporam princípios do design biofílico — a integração consciente de luz natural, ventilação, vegetação, cores e texturas — aliados à sustentabilidade emocional, entendida como a capacidade do espaço de oferecer calma, inspiração e conexão. Tais ambientes criam

condições para que alunos e professores experimentem conforto psicológico e se sintam mais dispostos a aprender, conviver e cooperar.

De forma complementar, a Organização Mundial da Saúde e a UNESCO (2021) reforçam que escolas promotoras de saúde devem compreender o bem-estar como parte integrante de sua cultura institucional. Relações positivas, senso de pertencimento e ambientes que favorecem a autorregulação emocional são pilares para o desenvolvimento de comunidades educativas saudáveis. Essa abordagem evidencia que o bem-estar não é resultado de ações isoladas, mas de interações contínuas entre pessoas, espaços e valores institucionais — uma harmonia entre forma, função e afeto.

A literatura contemporânea também tem incorporado o conceito de florescimento humano (*human flourishing*) como eixo ético e filosófico da educação em saúde (Vanderweele, 2017). O florescimento representa o desenvolvimento integral das potencialidades humanas — virtudes, propósito, relacionamentos positivos e contribuição social. Nessa perspectiva, a educação deixa de ser apenas transmissão de conhecimento e passa a ser um processo de regeneração pessoal e coletiva. A escola ganha um papel quase terapêutico: um espaço de reconstrução de vínculos, de reparação de traumas e de fortalecimento da esperança — um verdadeiro lugar de cura comunitária.

Meyer et al. (2025) complementam essa visão ao enfatizar a importância de fortalecer a literacia organizacional em saúde, ou seja, a capacidade das instituições de compreender, comunicar e apoiar práticas de saúde integral. Escolas com alto grau de literacia em saúde conseguem alinhar políticas, espaços e práticas de forma coerente, promovendo um ambiente emocionalmente sustentável, inclusivo e equitativo.

Em síntese, a escola regenerativa é um espaço que cura porque acolhe, inspira e conecta. Ela educa não apenas pelo currículo, mas, principalmente, pelo exemplo cotidiano de respeito, cuidado e empatia. Representa um novo paradigma para a educação em saúde — um modelo que vai além da prevenção e se orienta pelo florescimento humano, reconhecendo a escola como um lugar de vida, pertencimento e regeneração.

METODOLOGIA

Este estudo baseia-se em uma revisão integrativa da literatura, abordagem metodológica que permite reunir e analisar, de forma sistemática, resultados de pesquisas teóricas e empíricas provenientes de diferentes perspectivas. Essa estratégia permite construir uma compreensão ampla e crítica do tema investigado, articulando evidências e conceitos dispersos na literatura.

A revisão abrangeu publicações nacionais e internacionais produzidas entre 2015 e 2025, com foco em três eixos conceituais centrais:

- (a) liderança escolar e saúde organizacional,
- (b) design e ambiente educativo, e
- (c) Bem-estar coletivo e regeneração institucional.

Foram examinados artigos científicos, capítulos de livros e relatórios técnicos de organizações internacionais, como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a UNESCO, além de estudos publicados em periódicos das áreas de educação, saúde pública e psicologia educacional. Essa triangulação de fontes permitiu identificar convergências teóricas e práticas emergentes sobre o papel da liderança e do ambiente escolar na promoção da saúde, do bem-estar e da sustentabilidade emocional nas comunidades educativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão da literatura evidenciou que a construção de escolas verdadeiramente saudáveis e regenerativas depende da integração de três dimensões interligadas: a liderança empática e colaborativa, capaz de sustentar a saúde organizacional; o ambiente físico e sensorial, que atua como mediador da regulação emocional; e a cultura institucional baseada em confiança e pertencimento, que favorece o bem-estar coletivo. Esses três elementos formam um sistema dinâmico, no qual pessoas, espaços e valores se entrelaçam para criar condições de aprendizagem e convivência que promovem a saúde em seu sentido mais amplo.

LIDERANÇA EMPÁTICA E SAÚDE ORGANIZACIONAL

A liderança escolar desponta como um dos fatores mais decisivos na promoção da saúde emocional nas escolas. Estudos indicam que gestores e coordenadores que exercem uma liderança empática, distribuída e colaborativa contribuem significativamente para reduzir os níveis de estresse e burnout docente, fortalecendo um clima de apoio mútuo e segurança psicológica (Leksy et al., 2024; Meyer et al., 2025).

Esses líderes compreendem que cuidar de pessoas é parte indissociável do processo educativo e que a saúde de uma instituição reflete a qualidade de suas relações humanas. A comunicação aberta, o reconhecimento das emoções e a valorização do trabalho docente reforçam o sentimento de pertencimento, enquanto a ausência desses elementos gera desmotivação e fragmentação coletiva.

Sob essa ótica, liderar deixa de ser um ato hierárquico e passa a ser um ato de cuidado relacional — um modo de conduzir a escola a partir da escuta, da confiança e da corresponsabilidade. Essa postura dialoga diretamente com o campo da educação em saúde, que entende o bem-estar como produto de relações empáticas, sustentáveis e solidárias.

AMBIENTES VERDES, ILUMINADOS E FLEXÍVEIS COMO MEDIADORES DO BEM-ESTAR

O segundo achado diz respeito ao papel do ambiente físico e sensorial na promoção da saúde emocional e cognitiva. Latané (2021) argumenta que escolas regenerativas devem ser planejadas com base nos princípios do design biofílico, integrando luz natural, ventilação cruzada, texturas orgânicas e contato visual com a natureza. Esses elementos têm impacto direto na redução da ansiedade, na ampliação da concentração e na estimulação da criatividade.

A literatura confirma que escolas com layouts flexíveis, mobiliário adaptável e espaços abertos ao movimento favorecem a autorregulação emocional e o engajamento ativo de alunos e professores. O contato frequente com elementos naturais desperta sensações de calma e vitalidade, reduz comportamentos agressivos e amplia a

empatia — efeitos amplamente documentados em pesquisas de neuroarquitetura e psicologia ambiental (Who; Unesco, 2021).

Assim, o espaço escolar deixa de ser um mero cenário da aprendizagem e passa a atuar como um agente ativo de saúde. Ele media a integração entre corpo, emoção e conhecimento, tornando-se um componente essencial de ecossistemas educativos que favorecem o equilíbrio, o bem-estar e o florescimento humano.

CULTURA INSTITUCIONAL, CONFIANÇA E PERTENCIMENTO

O terceiro achado evidencia o papel da **cultura organizacional** como determinante da sustentabilidade emocional das escolas. Pesquisas apontam que instituições baseadas na confiança e no apoio mútuo constroem comunidades de aprendizagem mais resilientes, capazes de enfrentar desafios com serenidade e de manter baixos índices de conflito interpessoal (Vanderweele, 2017; WHO; UNESCO, 2021).

Em contextos regenerativos, o pertencimento não é apenas uma sensação individual, mas um pilar estruturante da saúde institucional. Ele emerge de práticas cotidianas que reforçam o valor de cada pessoa e o sentido coletivo da missão educativa. O clima emocional positivo funciona como um amortecedor psicológico, reduzindo tensões e estimulando comportamentos cooperativos.

Além disso, a cultura colaborativa favorece o florescimento humano, conceito que, segundo VanderWeele (2017), reúne virtudes como propósito, realização e vínculos positivos. Dessa forma, a promoção do bem-estar coletivo torna-se tanto um meio quanto um fim da educação, transformando o espaço escolar em um verdadeiro território de regeneração social.

O ECOSSISTEMA REGENERATIVO ESCOLAR

Os três eixos — **liderança, ambiente e cultura** — convergem para a formação do que se pode chamar de ecossistema regenerativo escolar, entendido como uma rede viva de relações humanas, espaciais e simbólicas que promove a saúde, o pertencimento

e o aprendizado significativo.

Nessa visão, o bem-estar não é um objetivo isolado, mas o resultado natural de práticas pedagógicas, ambientais e relacionais coerentes. Cada gesto, cada decisão cotidiana — desde a forma de dispor o mobiliário até o modo de conduzir uma reunião — pode fortalecer ou enfraquecer a vitalidade da comunidade escolar.

Educar para a saúde, portanto, não se resume a ensinar hábitos saudáveis, mas a criar condições que tornem o bem-estar possível, sustentável e compartilhado. As evidências demonstram que escolas que cultivam ecossistemas regenerativos apresentam melhor desempenho acadêmico, menor incidência de conflitos, maior satisfação profissional e um clima institucional mais positivo.

Em síntese, a educação regenerativa reafirma que a escola é um organismo vivo — ela respira, sente e se transforma por meio das relações que abriga. Cuidar dela é, portanto, um ato de promoção da saúde em sua expressão mais ampla e profundamente humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas regenerativas representam uma nova forma de compreender o papel da educação. Nelas, o bem-estar deixa de ser consequência e passa a ser fundamento do aprendizado; e a saúde é vivida como uma experiência cotidiana, não apenas como ausência de doença. Promover saúde na escola significa cultivar relações que sustentam o equilíbrio entre mente, corpo e comunidade — uma tarefa que ultrapassa a dimensão preventiva e assume caráter relacional, emocional e cultural, sustentado por vínculos de confiança, empatia e propósito coletivo.

A liderança educativa emerge como eixo vital nesse processo. Líderes que escutam, acolhem e inspiram são capazes de formar comunidades de aprendizagem mais humanas, criativas e resilientes. Ao integrar pessoas, espaços e valores institucionais, essas lideranças constroem ambientes que curam, regeneram e favorecem o florescimento humano — transformando a escola em um lugar onde a convivência é tão importante quanto o conteúdo.

Conclui-se que **promover a saúde na escola é promover a humanidade**. Ambientes saudáveis não nascem apenas de edifícios bem projetados, mas também de culturas organizacionais pautadas pelo cuidado, pela escuta e pela colaboração. Quando compreendida como um **campo de regeneração coletiva**, a educação torna-se uma força capaz de restaurar a harmonia entre o pensar, o sentir e o viver em comum — educando para o conhecimento, o bem-estar e a vida compartilhada.

REFERÊNCIAS

LATANÉ, Claire. *Schools that heal: Design with mental health in mind*. Washington, DC: Island Press, 2021.

LEKSY, Karolina; RESNIKOFF, Taylor; LITKE, Michael. *Health-promoting leadership: Competencies for school principals in Europe*. *Frontiers in Public Health*, v. 11, p. 1–10, 2024.

MEYER, Matthias; DADACZYNSKI, Kevin; OKAN, Orkan. *Organizational health literacy and leadership capacity in schools*. *BMC Public Health*, v. 25, p. 1–8, 2025.

ORGANIZATION. *Making every school a health-promoting school: Global standards and indicators for health-promoting schools and systems*. Geneva: WHO, 2021

VANDERWEELE, Tyler J. *On the promotion of human flourishing*. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 114, n. 31, p. 8148–8156, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL